Pobreza, sociabilidade e tipos de redes sociais em São Paulo e Salvador

Eduardo Marques[*]

Índice

Introdução; 1. Os entrevistados e suas redes; 2. Os tipos de redes e de sociabilidade em São Paulo e Salvador; 3. À guisa de conclusão; Referências bibliográficas

Palavras chaves

Pobreza urbana, redes sociais, sociabilidade, Brasil

Introdução

O período recente tem sido pródigo de referências a redes sociais na investigação dos mais variados fenômenos. Como se sabe, redes pessoais são representações dos padrões de interação social dos indivíduos em suas atividades cotidianas. Também no caso da pobreza, as referências às redes são relativamente comuns, embora digam respeito muitas vezes à idéia de que 'relações importam', mais do que à consideração específica dos efeitos de determinadas características dos padrões de relação sobre as condições de vida em geral, ou de pobreza em especial. O presente artigo dá continuidade à agenda de pesquisa sobre o tema que vem tentando precisar tais efeitos através do estudo sistemático das redes e da sociabilidade de indivíduos em situação de pobreza.

O estudo das redes tem sido uma constante na literatura internacional para investigar fenômenos sociais diversos, desde mobilização política em movimentos sociais (Mische, 2008; Hedstrom et al., 2000) até elites políticas e econômicas (Misruchi, Schwartz, 1987; Heinz et al. 1997; Kadushin, 1995) e políticas públicas (Knoke et al., 1996) passando pela sociabilidade de diversos grupos sociais (Bidart, Lanevu, 2005; Bierman et al., 2004; Campbel, Lee, 1992), entre muitos outros temas. No caso brasileiro, a maior parte dos estudos que dialogam com este artigo têm se concentrado em políticas públicas (Marques, 2000 e 2003; Lotta, 2010), assim como no seu entorno (Pavez, 2008; Soares, 2009), além dos estudos realizados no interior da linha de investigação em que se inscreve este artigo e discutidos resumidamente na próxima seção.

Mas porque mobilizar analiticamente redes sociais para estudar pobreza?

No caso específico da pobreza, como tais redes mediam o acesso a recursos materiais e imateriais, contribuem de forma destacada para a reprodução das condições de

[*] Universidade de São Paulo (Usp).

privação e da desigualdade social. Portanto, analisar a diversidade de tais redes, assim como a sua mobilização cotidiana diferenciada entre indivíduos e em diferentes momentos, representa uma chave importante para melhor compreendermos a pobreza. Nesse sentido, a integração das redes ao estudo da pobreza pode permitir a construção de análises que escapem dos pólos analíticos da responsabilização individual do pobre por sua pobreza, assim como de análises sistêmicas que foquem apenas nos macro-processos e constrangimentos estruturais que cercam o fenômeno. Parece-nos evidente que tanto constrangimentos e processos supra-individuais (incluindo os econômicos) quanto estratégias e credenciais dos indivíduos importam para a constituição e a reprodução de situações de pobreza. Entretanto, essas devem ser analisadas no cotidiano dos indivíduos, de forma a compreendamos de que formas mediam o seu acesso a mercados, ao Estado e às trocas sociais que provêm bem-estar (Esping-Andersen, 2000).

De uma forma geral, o tema representou um desdobramento da agenda de estudos de segregação urbana, sendo analisado tanto de forma quantitativa, como em Briggs (2005), Small (2007) e Ferrand (2002), quanto qualitativamente como em Small (2009) Sako e Murie (2002), Blokland e Savage (2008). Em termos gerais, representou uma forma de precisar e testar vários dos elementos levantados pioneiramente por Wilson (1987) conectando aumento da pobreza com elevação do isolamento social e espacial nos guetos negros americanos em período recente. A utilização das redes permitiria separar analiticamente (e testar separadamente) os efeitos dos dois tipos de isolamento.

A presente pesquisa também tem origem nesse tipo de preocupação. Desenvolvemos coletivamente estudos sobre a associação entre pobreza e segregação em registro mais tradicional (Marques e Torres, 2005), chegando ao resultado que a segregação tendia a ter um efeito negativo sobre a pobreza independente do de outras dimensões sociais – indivíduos igualmente pobres, mas submetidos diferentemente à segregação tendiam a ter condições sociais distintas, sendo o piores para o mais segregado. Entretanto, o efeito de isolamento da segregação em si poderia ser combatido, para determinados indivíduos, por suas redes sociais, que poderiam conectá-los 'por sobre o território'. Por essa razão, esta pesquisa analisa simultaneamente os efeitos das redes sociais e da segregação sobre a pobreza.

1. Os entrevistados e suas redes

Foram realizadas entrevistas com 209 indivíduos pobres em São Paulo e 153 em Salvador, num total de 362 indivíduos em situação de pobreza, além de 30 indivíduos da classe média em São Paulo. Todas as informações a seguir dizem respeito a indivíduos em situação de pobreza, exceto quando indicado.

Foram entrevistados 56% de mulheres e 44% de homens, com idades entre 12 e 94 anos (com média de 37 anos). As famílias tinham um tamanho médio de 3,9 pessoas, um número que não varia entre as cidades. A amostra incluiu 43% e 34% das pessoas que vivem em lugares segregados em São Paulo e Salvador, respectivamente.

A Tabela 1 a seguir resume os principais indicadores.

Tabela 1 - Indicadores médios escolhidos da amostra, São Paulo e Salvador

Indicador	**São Paulo**	**Salvador**
Indicadores médios dos entrevistados		
Número de entrevistados	209	153
Habitando locais segregados (%)	43	34
Anos médios de estudo	6	7
Renda familiar per capita inferior a ¼ do salário mínimo (%)	19	22
Renda familiar per capita média (Sm)	0,82	0,77
Empregados (%)	54	38
Desempregados ou trabalhadores informais (%)	32	45
Frequentadores de práticas associativas (%)	12	16
Frequentadores de templos religiosos (ao menos quinzenais) (%)	47	54
Autodenominados católicos (%)	63	45
Autodenominados evangélicos pentecostais (%)	20	20
Autodenominados seguidores do candomblé (%)	0	5
Autodenominados sem religião (%)	12	22
Migrantes (%)	70	34
Dentre os migrantes, chegados há 10 anos ou mais (%)	72	89
Moradores do bairro há 10 anos ou mais (%)	54	89
Dentre os trabalhadores, trabalham na comunidade (%)	38	44
Cor da pele classificada como preta pelos entrevistadores (%)	34	74
Cor da pele autoclassificada como preta (%)	-	62
Indicadores das redes e da sociabilidade		
Número médio de nós	52,5	40,7
Número médio de vínculos	53,4	74,7
Localismo (%)	60,5	63,5
Número médio de esferas	3,8	3,5
Sociabilidade na família (%)	40	42
Sociabilidade na vizinhança (%)	32	32
Sociabilidade no trabalho (%)	9	7
Sociabilidade na igreja (%)	5	3
Sociabilidade nos estudos (%)	3	3

Fonte: Coleta primária de dados.

Como se pode ver, os entrevistados tinham escolaridade muito baixa – em média 64% tinham completado a 8ª série, no máximo, com um perfil um pouco melhor em Salvador. Em Salvador os entrevistados tinham em média 7 anos de estudo e, em São Paulo, 6 anos. Essas posições relativas foram invertidas no caso do rendimento: 19% em São Paulo e 22% em Salvador tinham renda familiar per capita inferior a ¼ do salário mínimo. Na verdade, a renda familiar média per capita em São Paulo foi de 0,82 salários mínimos, enquanto em Salvador alcançava apenas 0,77. Isso expressa as diferenças entre os dois mercados de trabalho: em São Paulo, 54% dos entrevistados estavam empregados, e em Salvador apenas 38% tinham essa condição. Por outro lado, os trabalhadores informais e os desempregados em Salvador chegaram a 45% dos entrevistados, contra apenas 32% em São Paulo.

Práticas associativas tendem a ser baixas em ambas as cidades (12%), porém mais presentes em Salvador (16%). Com relação à frequência a templos religiosos, 47% dos entrevistados em São Paulo relatou ir a um lugar de culto pelo menos uma vez a cada 15 dias, um número que chegou a 54 % em Salvador. Nas duas cidades, aproximadamente 20% das pessoas declararam-se como evangélicas, enquanto 63% afirmaram ser católicas em São Paulo e 45% em Salvador. Esta última cidade também teve 5% de seguidores do Candomblé (ausentes na amostra de São Paulo) e 22% consideraram não ter religião, contra 12% em São Paulo.

Os migrantes estavam muito mais presentes em São Paulo (70%), enquanto em Salvador eram apenas 34%. Em ambas as cidades a maioria dos imigrantes tendem a ser residentes de longa duração, e 72% em São Paulo e 89% em Salvador chegaram às cidades há mais de 10 anos atrás. A estabilidade dos bairros também é alta em ambas as cidades, apesar de maior em Salvador, onde 89% das pessoas vivem em seus bairros há mais de 10 anos, enquanto em São Paulo apenas 54% dos entrevistados estavam nessa condição. O maior localismo de Salvador também está presente no mercado de trabalho, uma vez que 44% dos entrevistados trabalhavam dentro da comunidade, enquanto apenas 38% em São Paulo trabalhavam no mesmo local onde moram. Finalmente, a cor da pele foi muito mais proeminente em Salvador, onde 74% dos entrevistados tiveram sua cor da pele classificada como preta pelos entrevistadores, contra 34% em São Paulo. Por outro lado, 62,1% dos entrevistados em Salvador autoclassificou a sua cor como preta[2].

As redes médias das duas cidades apresentaram características similares, mas não iguais. As redes médias em São Paulo apresentaram mais nós – 52,5[3] contra 40,7 em Salvador –, mas menos vínculos, 53,4 contra 74,7, em Salvador. O localismo foi maior em Salvador – 63,5% dos indivíduos citados nas redes vivem no mesmo lugar do entrevistado, contra 60,5% em São Paulo. Várias outras medidas de rede sugerem, em média, atividades relacionais mais intensas em Salvador. Embora apresentem diferenças, entretanto, esses valores médios são bastante próximos quando comparados com as redes de classe média pesquisadas em São Paulo, que tinham um tamanho médio de 93 nós e 183 vínculos, e localismo inferior a 20%.

A variabilidade da sociabilidade tendia a ser ligeiramente maior em São Paulo: 3,8 esferas de sociabilidade em média, contra 3,5 em Salvador. Entretanto, em ambos os casos isso indica uma variabilidade da sociabilidade muito menor entre os pobres do que entre a classe média de São Paulo, que apresentou, em média, 5,5 esferas[4]. Os perfis

[2] Dada a relevância política e identitária da dimensão racial em Salvador, optamos por classificar os entrevistados em termos de cor da pele e também usar a auto-classificação. Em São Paulo, só usamos a classificação pelo entrevistador.

[3] Em análise de redes as entidades (pessoas, no caso dessas redes, mas também empresas, grupos, associações ou outras organizações em outras pesquisas) que compõe uma rede são chamadas de nós, e as relações entre elas de vínculos.

[4] Denominamos de esfera de sociabilidade uma 'região' da sociabilidade de um dado indivíduo, conforme reconhecido por ele próprio. Não se trata de tipo de vínculo ou de um atributo de um dado nós da rede, mas de uma parte da sociabilidade segundo seu próprio entendimento. Dessa forma, alguém pode manter relações de amizade (tipo de vínculo) com um primo (tipo de nó) na esfera da vizinhança. Nesse caso, o que importa é o espaço onde ocorre a sociabilidade.

de sociabilidade, no entanto, mostraram considerável semelhança entre as cidades, com a família respondendo por 40,6% das esferas e a vizinhança aparecendo como a segunda esfera mais importante, com 31,6% dos vínculos. Além dessas, o trabalho correspondia a 8,0% dos vínculos, a amizade 5,9%, a igreja 4,6%, e os estudos 3,3%. As variações individuais em torno dessas médias, no entanto, são elevadas em ambas as cidades, sugerindo a existência de uma grande heterogeneidade na sociabilidade, que nos levou a realizar a construção de tipologias descrita na seção que se segue. Novamente para criar um parâmetro externo de comparação, entre os indivíduos de classe média em São Paulo, 35% dos vínculos estavam associados com a esfera familiar, seguidos por trabalho (26%), amizade (14%), e estudos (10%). Vínculos na vizinhança e na igreja chegaram a apenas 5% e 1%, respectivamente. As principais diferenças com relação às redes de indivíduos em situação de pobreza, portanto, dizem respeito às esferas do trabalho, amigos e dos estudos (menores entre os pobres) e à vizinhança (muito maior entre os pobres). A esfera da família apresenta presença similar nos dois grupos sociais.

Em suma, as redes de indivíduos pobres tendem a ser menores, menos variadas em termos de sociabilidade, mais locais e mais baseadas em vizinhança do que as redes dos indivíduos de classe média. No entanto, elas apresentam características semelhantes em São Paulo e em Salvador, com exceção do maior localismo e da maior atividade relacional em Salvador e das redes um pouco maiores e mais variadas em São Paulo. Como veremos mais adiante, essas diferenças podem ser causadas pela menor oferta de vínculos novos em Salvador devida ao maior localismo, levando a redes menores, porém mais densamente conectadas.

Mas qual é a relação entre os atributos sociais e as características das redes e de sociabilidade?

Para começar a explorar essas associações discutimos a seguir as associações entre redes e atributos[5], para em seguida comparar de forma mais detida alguns indicadores que apresentam diferenças entre São Paulo e em Salvador.

Com relação ao sexo dos entrevistados, não existem grandes diferenças entre as redes de homens e mulheres, apesar de aparecerem pequenas diferenças na sociabilidade, com as redes dos homens mais centradas no trabalho e no lazer, enquanto que a presença da esfera igreja tende a ser maior para as mulheres. Esses padrões são coerentes com a tipologia de sociabilidade, como será visto.

O efeito do ciclo de vida sobre as redes é muito mais claro e parece representar um grande organizador das transformações das redes no tempo[6]. Com o avanço da idade, as redes tendem a ter sociabilidade menos variada, com redes egocentradas mais redundantes. Em termos de sociabilidade, a família se torna mais importante e as esferas estudos (o que seria esperado) e amizade estão relativamente menos presentes. Mas essa dinâmica não é linear em todas as idades, sendo mais concentrada nos dois pólos do

[5] Foram desenvolvidos testes univariados entre redes e atributos. O conteúdo técnico dos testes foi omitido para tornar o texto mais fluente, mas são reportadas apenas as associações estatisticamente representativas a 99% de significância.

[6] O mesmo efeito também se verificou para redes egocentradas de apoio social analisadas por nós em Marques e Bichir (2011).

ciclo de vida. Para os jovens (com menos de 21 de anos de idade), por exemplo, as redes tendem a ter mais nós e vínculos, além de redes egocentradas mais eficientes, porém apresentam maior localismo e maior presença de estudos e menor presença da esfera trabalho do que o resto da população. Os idosos (mais de 60 anos) têm redes com características opostas: são menores em termos de nós e vínculos, menos variadas em sociabilidade, têm menor presença de estudos e de amigos, e maior presença relativa da esfera família.

Outra variação importante nas redes está associada a grupos sociais, nesse caso caracterizados por renda e escolaridade. Isso é muito interessante, uma vez que a amostra inclui apenas indivíduos em situação de pobreza e, conseqüentemente, renda e escolaridade tendem a variar muito pouco. Entretanto, características da rede tendem a variar de acordo com grupos sociais mesmo entre os pobres. As tendências são semelhantes no caso da variabilidade da sociabilidade e da atividade relacional, que tendem a aumentar com o aumento da renda e da escolaridade. O tamanho das redes tende a aumentar com os anos de escolaridade, e o localismo diminui com o aumento da renda. Finalmente, com o aumento da escolaridade e da renda, a presença das esferas da família e da vizinhança diminui, enquanto aumentam as esferas da amizade e do trabalho.

Essas tendências são confirmadas quando condições de pobreza extrema são consideradas. Pessoas muito pobres (com renda familiar per capita média inferior a ½ salário mínimo) tendem a ter redes com sociabilidade menos variada, com menor clusterização e diâmetros maiores (para o mesmo tamanho médio, o que significa menor conectividade), além de uma sociabilidade que se baseia mais na vizinhança e menos no trabalho, assim como maior localismo. Os mais pobres entre os pobres (com renda familiar per capita média inferior a ¼ do salário mínimo) têm redes ainda menos clusterizadas e com diâmetros ainda maiores, e sua sociabilidade inclui mais vizinhos.

Uma das diferenças importantes encontra-se no localismo das redes, ou na proporção, em uma dada rede, de contatos com pessoas que habitam o mesmo local de moradia, conforme definido pelos próprios entrevistados[7]. Os resultados anteriores referentes a São Paulo já haviam indicado elevado localismo como uma dimensão importante na diferenciação entre as redes de indivíduos em situação de pobreza e de classe média, mas a comparação com Salvador sugere que o localismo também varia substancialmente entre os pobres dependendo da estrutura urbana. Essas diferenças no localismo nos fornecem um excelente caso para explorar as consequências diferenciadas de tipos diferentes de homofilia sobre atributos individuais e relacionais.

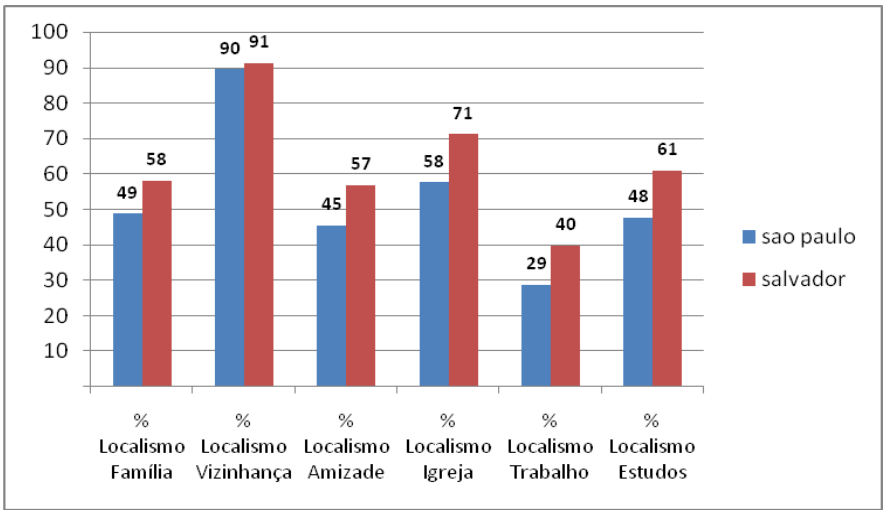
O localismo médio nas redes de indivíduos em situação de pobreza em São Paulo é um pouco menor do que em Salvador – 60,5% contra 63,5, variação não muito expressiva se repetirmos que o localismo médio entre a classe média é de 18,0%. Apesar disso, as distribuições do localismo são diferentes nas duas cidades e em Salvador as situações de alto localismo são mais presentes relativamente. Que

[7] Localismo é, portanto, o grau em que a sociabilidade mapeada por certa rede ocorre no mesmo local de moradia do que o entrevistado. É sempre expressa como a percentagem dos vínculos de uma dada rede.

consequências podem ser esperadas desse padrão mais local de redes para a sociabilidade de ao menos uma parte dos indivíduos?

Poderíamos assumir que alto localismo seja apenas reflexo de sociabilidades estabelecidas com vizinhos e com familiares concentrados próximos ao local de moradia, característica mais presente entre pobres do que entre indivíduos de classe média – enquanto 5,5% das relações dos indivíduos de classe média são com vizinhos, entre os pobres os vizinhos alcançam proporcionalmente 32%, tanto de São Paulo quanto de Salvador. Contudo, os dados indicam que a distribuição das sociabilidades por esfera nas duas cidades é muito similar. Mas será que o localismo está presente em diferentes esferas da mesma forma nas duas cidades? O Gráfico a seguir apresenta essa informação.

Gráfico 1 - Proporção média de vínculos locais nas principais esferas de sociabilidade



Fonte: Entrevistas e trabalho de campo.

O Gráfico confirma que o localismo é mais forte em Salvador em todas as esferas de sociabilidade. Vizinhança se associa por definição a localismo, e consequentemente não há variação entre as duas cidades[8]. Em todas as demais esferas, a presença de localismo é maior em Salvador, mas a diferença tende a ser maior nas esferas que caracterizam sociabilidades que acontecem em ambientes organizacionais: igreja, trabalho e estudos (13, 11 e 13%, respectivamente). Portanto, em Salvador o localismo atinge com maior freqüência as diferentes esferas de sociabilidade da vida dos indivíduos, mas o faz com maior intensidade nas esferas onde a homofilia potencial é menor, reduzindo ainda mais

[8] A proporção dos vínculos na vizinhança que são locais não é igual a 100% por duas razões. Em primeiro lugar, pois vínculos podem ser estabelecidos na vizinhança, mas se manter mesmo quando as pessoas com as quais os entrevistados se relacionam já não moram no mesmo bairro, ou vice-versa. Em segundo lugar, pois um dado contato pode morar em outro lugar, mas se relacionar com o ego no que ele reconhece como esfera da sua vizinhança. Em ambos os casos, os entrevistados reconhecem esses vínculos como participando da esfera da vizinhança.

os acessos potenciais a bens, oportunidades, informações e repertórios no caso de uma parcela significativa das redes de Salvador.

Em Castello e Marques (2011) testamos a associação do localismo com diversas dimensões sociais de interesse, como acesso ao mercado de trabalho, características relativas à sociabilidade dos indivíduos, entre outras. Os resultados apontaram para uma associação de maior localismo com a pobreza mais intensa, vínculos de trabalho mais precários e baixa consolidação dos migrantes em seus atuais locais de moradia. Em São Paulo o localismo estava associado também à sociabilidade concentrada em esferas primárias e, em Salvador, diferentemente, a pessoas mais jovens e mais segregadas. Na primeira cidade, baixo localismo está associado a sociabilidades organizacionais e na segunda está associado à sociabilidade variada. Assim, em São Paulo o localismo reforça as condições de homofilia trazidas pelos padrões primários de relação, por inserções precárias e locais no mercado de trabalho, e se reduz na presença de sociabilidade organizacional. Em Salvador, diferentemente, o localismo reforça a homofilia das redes dos mais jovens, dos inseridos precariamente no mercado e dos segregados, mas diminui frente à variabilidade da sociabilidade. Essas associações não devem ser entendidas como causais, entretanto, pois tanto localismo (um atributo) como padrões de relação e sociabilidade (redes) foram produzidos por processos de causalidade múltipla de forma associada.

2. Os tipos de redes e de sociabilidade em São Paulo e Salvador

Considerando a intensa variabilidade das redes, decidimos explorar essa variação construindo duas tipologias utilizando análises de agrupamento (cluster). Essa estratégia já havia sido utilizada com sucesso em Marques (2012), indicando a presença de tipos de rede e de sociabilidade bastante distintos. A primeira classificação levou em conta medidas de redes frequentemente usadas pela análise de redes sociais. Na segunda, as redes foram classificadas de acordo com seus perfis de sociabilidade, considerando a distribuição relativa dos atores (nós) em diferentes esferas de sociabilidade: família, vizinhança, amigos, trabalho, religião, lazer e práticas associativas. Enquanto a primeira tipologia visava explorar as características estruturais centrais das redes, a segunda gerou informações sobre como elas são diferentemente mobilizadas no dia a dia.

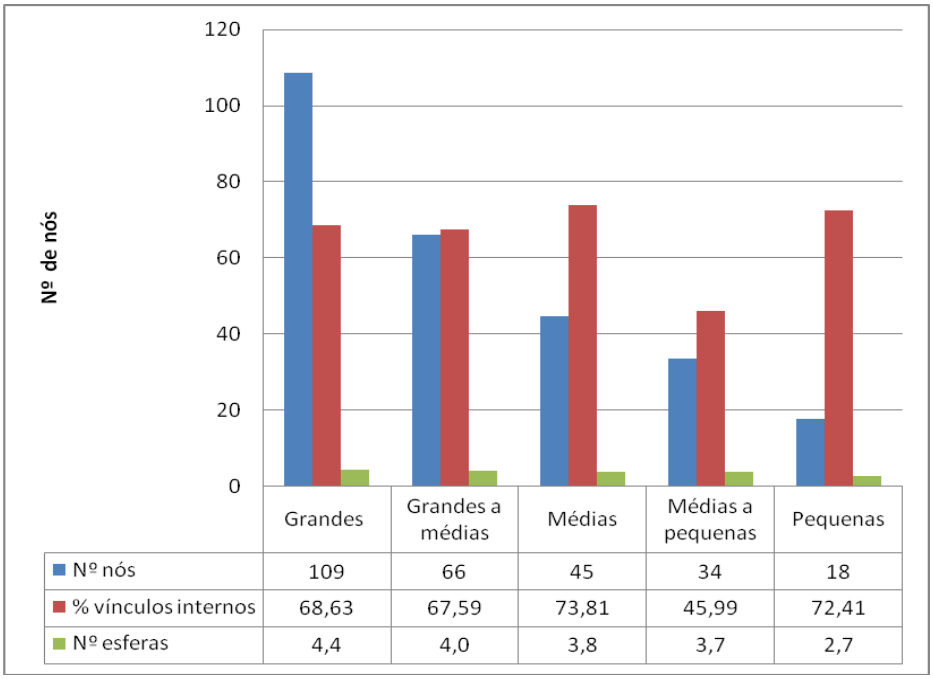
Esta seção se inicia pela apresentação dos tipos de redes para em seguida descrever os tipos de sociabilidade. Na última parte, as duas tipologias são combinadas com o objetivo de explorar diferentes aspectos relacionais, ilustrando-os com casos atuais de São Paulo e Salvador.

2.1. Tipos de redes

Com o propósito de analisar e classificar a heterogeneidade das redes pessoais nas duas cidades, 362 redes foram submetidas à análise de cluster de diversas medidas de redes sociais: número de nós, número de vínculos, diâmetro, grau médio, centralização,

coeficiente de clusterização, E-I índices, n-clans, intermediação, informação, buracos estruturais, número de contextos e número de esferas[9]. A análise gerou cinco tipos de redes, que podem ser ordenados segundo o tamanho das redes – número de nós e vínculos. A variabilidade da sociabilidade – medida pelo número de esferas – cai levemente das grandes redes para as pequenas. O localismo apresentou nível similar (e alto) nos dois primeiros tipos de redes, em torno de 68%, assim como no terceiro e quinto tipos, embora ainda maior – 73%. O quarto tipo de redes, médio para pequeno, apresentou localismo muito mais baixo e possui apenas 46% de relações internas. O Gráfico n.2 apresenta essas características gerais.

Gráfico 2 - Tamanho, localismo e esferas de sociabilidade por tipo de rede



	Grandes	Grandes a médias	Médias	Médias a pequenas	Pequenas
Nº nós	109	66	45	34	18
% vínculos internos	68,63	67,59	73,81	45,99	72,41
Nº esferas	4,4	4,0	3,8	3,7	2,7

Fonte: Elaboração própria baseada na coleta de dados empíricos.

Os tipos de redes se apresentam de forma bastante similar nas duas cidades estudadas, embora com maior presença das redes maiores e menores em Salvador e das redes de médias a pequenas em São Paulo (indicados nos grupos abaixo). A seguir, os aspectos centrais de cada um dos tipos de redes são brevemente apresentados.

[9] Todas essas medidas foram submetidas a análise de cluster no software Spss 13.0, usando o algoritmo de K-means. Para detalhes sobre a medida, ver Wasserman e Faust (1994).

2.2. Tipos de sociabilidade

Além de classificar as redes pessoais de acordo com suas características estruturais, as redes foram agrupadas de acordo com a participação relativa das esferas de sociabilidade – família, vizinhança, amizade, igreja, trabalho e outras – no dia a dia dos indivíduos. Uma análise de cluster sobre os perfis de sociabilidade revelou seis grandes tipos de sociabilidade concentrados respectivamente na família, na vizinhança, nos amigos, na igreja, no trabalho ou em associações. Podemos considerar os três primeiros tipos – família, vizinhança e amigos – como primários e, potencialmente, homofílicos; já os demais – igreja, trabalho e associação – tendem a ser menos homofílicos e mais baseados na construção de vínculos dentro de ambientes organizacionais, o que pode lhes possibilitar menor homofilia, no sentido descrito por Small (2009).

A Tabela n.1, abaixo, apresenta os tipos de rede segundo esferas de sociabilidade, ressaltando as concentrações elevadas (em hachura clara) e acima da média (em hachura mais escura). Essas últimas foram consideradas como as dimensões que caracterizam cada grupo.

Tabela 1 - Tipos de sociabilidade de acordo com esferas de sociabilidade (%)

	Tipo de sociabilidade						
Esferas	**Família**	**Vizinhança**	**Amizade**	**Igreja**	**Trabalho**	**Associação**	**Total**
Família	64,07	28,75	37,41	33,34	31,37	34,47	40,57
Vizinhança	20,68	57,08	23,96	25,32	26,41	24,80	31,61
Amizade			26,22				5,89
Trabalho				6,16	29,05		8,05
Igreja				25,02			4,56
Associação						19,01	1,40
N. de casos	93	86	57	48	55	22	361

Fonte: Elaboração própria baseada na coleta de dados empíricos. Porcentagens abaixo de 6% foram omitidas. Células escuras possuem porcentagens acima da média e células cinza claro representam concentrações significativas, apesar de estar abaixo da média.

Como podemos ver, a presença da família e da vizinhança é alta em todos os tipos[10]. Contudo, apesar dessa concentração em esferas primárias, proporções importantes da sociabilidade são organizadas em outras esferas, relativas à relevância dos seis tipos de sociabilidade apresentados abaixo.

A distribuição dos tipos por cidade mostrou padrões praticamente idênticos (indicados nos grupos a seguir). As situações sociais tipicamente associadas em cada tipo de sociabilidade estão descritas abaixo.

a. Sociabilidade centrada na família*: 93 casos (25,4% em São Paulo e 26,3% em Salvador).*

[10] Este também é o caso da esfera família dentre as pessoas da classe média, como já citado.

Como apontado anteriormente, este é o tipo de sociabilidade mais comum: 25% de todas as redes pessoais analisadas aqui foram agrupadas neste tipo. De fato, existem apenas 4 indivíduos sem nenhum vínculo na esfera *família*. As redes dos indivíduos centradas na família tendem a ser menores que as demais considerando o número de esferas, nós e vínculos. Pessoas com redes centradas na família possuem idade, escolaridade e renda abaixo da média geral. Mulheres, migrantes, pessoas casadas e sem escolaridade são sobrerepresentadas neste tipo de rede, assim como donas de casa, aposentados e pessoas desempregadas. Católicos e pessoas que não participam de associações civis são mais comuns dentre aqueles com redes centradas na família.

b. Sociabilidade centrada na vizinhança*: 86 casos (23,9% em São Paulo e 23,7% em Salvador).*

Este é o segundo tipo mais frequente de sociabilidade e apenas 23 indivíduos pobres não possuem nenhum vínculo na esfera *vizinhança*. Indivíduos com sociabilidade centrada na vizinhança apresentam idade, escolaridade e renda inferiores à média geral. As redes desse tipo de sociabilidade apresentam números de nós e vínculos superiores à média, além, é claro, de altas taxas de localismo. Diversas características demográficas – sexo, condição de migração – são similares às médias. Homens solteiros, autônomos, desempregados e pessoas que trabalham no mesmo bairro de moradia são sobrerepresentados neste tipo de sociabilidade. A mesma condição vale para os beneficiários de programas de transferência de renda e aqueles que não participam de organizações civis.

c. Sociabilidade centrada na amizade*: 57 casos (14,8% em São Paulo e 17,1% em Salvador).*

Indivíduos com sociabilidade centrada na *amizade* representam 16% do total das redes pessoais dos pobres. Este tipo de sociabilidade é ligeiramente mais frequente em Salvador que em São Paulo. Os indivíduos que possuem este padrão de sociabilidade são os mais jovens, e apresentam melhores níveis de escolaridade e renda que a média geral. Suas redes são um pouco maiores e variadas que a média levando em consideração o número de esferas, nós e vínculos. Mulheres, não-migrantes e solteiros são sobrerepresentados neste tipo de sociabilidade, assim como estudantes, donas de casa, funcionários públicos e aqueles que trabalham no mesmo bairro em que vivem.

d. Sociabilidade centrada na igreja*: 48 casos (13,9% em São Paulo e 12,5% em Salvador).*

Sociabilidade centrada em qualquer tipo de organização religiosa representa 13% do total dos casos. No Brasil é bem comum as pessoas afirmarem pertencer a alguma religião, mesmo quando raramente – ou nunca – freqüentam nenhum tipo de culto religioso. Mas esse tipo de sociabilidade vai além de professar culto ou frequentar templos, pois este tipo de sociabilidade evidencia pessoas que possuem um padrão sistemático de vínculos construídos no interior dos templos. Este tipo de sociabilidade é levemente mais frequente em São Paulo que em Salvador.

Indivíduos com este padrão de sociabilidade possuem idade, escolaridade e renda próximas à média geral, mas suas redes são maiores que a média quando considerados os números de esferas, nós e vínculos. Mulheres, migrantes antigos e pessoas casadas

apresentam este tipo de sociabilidade com maior freqüência. Este tipo de sociabilidade também é mais comum entre donas de casa, aposentados, pessoas com carteira assinada e aqueles que trabalham fora do bairro em que vivem. Como esperado, evangélicos que praticam sua religião semanalmente são muito mais comuns neste tipo de sociabilidade, assim como pessoas que participam em outros tipos de associações civis.

e. Sociabilidade centrada no trabalho*: 55 casos (15,3% em São Paulo e 15,1% em Salvador).*

Como descrito em seções anteriores, a maior parte dos entrevistados trabalha – independentemente do nível de proteção do trabalho – ou está procurando emprego. Contudo, uma porção pequena deles – 15% – de fato possui padrão de sociabilidade rico em pessoas com as quais trabalham. A distribuição deste padrão de sociabilidade é semelhante nas duas cidades, apesar das grandes diferenças entre os dois mercados de trabalho.

Como esperado, pessoas com sociabilidade centrada no trabalho apresentam melhores níveis de renda (o mais alto) e escolaridade, para além da idade média. Suas redes apresentam os menores níveis de localismo – menos vínculos com pessoas do mesmo bairro –, um número de esferas maior que a média, e um número de nós e vínculos similares a média geral. Homens, não migrantes e casados estão sobrerepresentados neste tipo de sociabilidade. O mesmo vale para proprietários de pequenos comércios, empregados com carteira assinada, funcionários públicos, empregados sem carteira assinada e aqueles que trabalham fora do bairro em que vivem. Católicos não praticantes e aqueles que não participam de associações civis também estão sobrerepresentados neste grupo.

f. Sociabilidade centrada em práticas associativas*: 22 casos (6,7% em São Paulo e 5,3% em Salvador).*

Este é o tipo de sociabilidade menos frequente, representa apenas 6% do total das redes pessoais. Vimos na seção anterior que a participação em associações (de bairro, partidos políticos ou quaisquer outras) é baixa. A existência desse tipo de sociabilidade nos indica que, embora rara, essa participação pode ser muito importante para um conjunto dos indivíduos, embora esse seja pequeno.

Indivíduos com este padrão de sociabilidade possuem médias de idade e escolaridade acima da média geral, mas rendas abaixo da média. Os números de esferas e nós estão acima da média. Homens, solteiros, aqueles que trabalham no bairro em que vivem, trabalhadores sem carteira assinada, autônomos e desempregados estão sobrerepresentados neste tipo de sociabilidade. Como esperado, aqueles que participam de algum tipo de associação estão extremamente sobrerepresentados neste grupo, mas o mesmo não é verdadeiro quando levada em consideração a participação em atividades religiosas.

2.3. Principais situações relacionais

A combinação das duas tipologias gera informações interessantes para a análise das redes dos indivíduos pobres nas duas cidades. Apesar de existirem 30 combinações possíveis (5x6), apenas algumas dessas combinações aparecem com freqüência. Em particular, quatro combinações de redes e sociabilidade, contemplam 92,4% do total das redes pessoais analisadas:

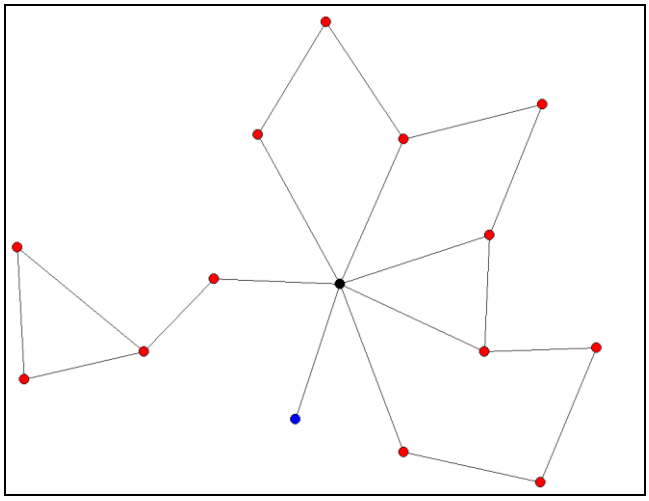
a) sociabilidade primária em redes pequenas
b) sociabilidade primária em redes médias
c) sociabilidade primária em redes grandes
d) sociabilidade organizacional em redes médias.

E essa evidência ganha ainda maior importância porque enquanto os três primeiros tipos – sociabilidade primária em redes pequenas, médias ou grandes – tendem a ser associados às piores condições socioeconômicas, o último tipo de situação relacional – redes médias com sociabilidade em ambientes organizacionais, tende a se associar a melhores condições e atributos sociais. Abaixo serão apresentados exemplos de São Paulo e Salvador que ilustram cada uma dessas situações relacionais.

a) Sociabilidade primária em redes pequenas: 101 casos, 27,9%.

O caso número 379, do Bairro da Paz, nos dá um exemplo deste padrão em Salvador. Ela tem 23 anos, é nativa de Salvador e mora neste bairro extremamente segregado desde que nasceu. Ela é casada, possui 2 filhos e está desempregada atualmente – costumava trabalhar como empregada doméstica – possui renda média domiciliar de apenas ¼ de salário mínimo. Sua rede tem 14 nós, 17 vínculos e apenas 2 esferas de sociabilidade: família e vizinhança.

Figura 1 - Caso 379, Salvador

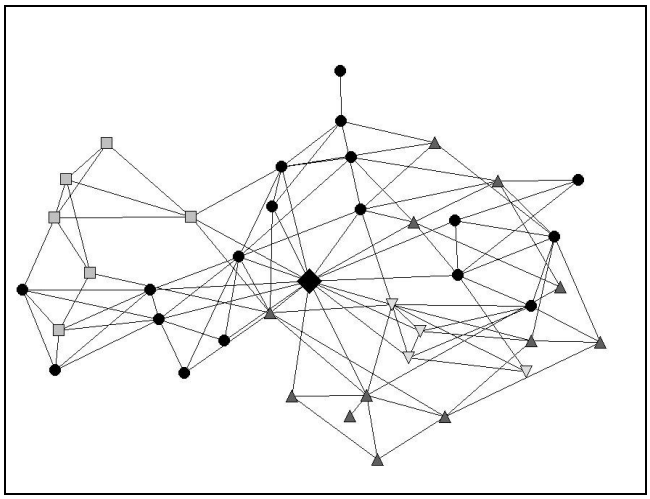


Fonte: Elaboração própria baseada na coleta de dados empíricos. Legenda: Ego em preto, família em vermelho, vizinhança em azul, trabalho em verde, igreja em amarelo, estudos em cinza, lazer em rosa, amizade em azul claro, associação em branco e outras esferas em laranja.

b) Sociabilidade primária em redes médias: 72 casos, 20,0%.

O caso 121, de Paraisópolis, é ilustrativo deste tipo de rede e sociabilidade em São Paulo. Ele é um homem de 52 anos de idade, que migrou de Alagoas há mais de 10 anos. Ele conclui apenas o ensino fundamental I e atualmente é empregado com carteira assinada como jardineiro de um condomínio de casas da classe média perto da favela em que ele vive. A sua rede possui 40 nós, 54 vínculos e 4 esferas: família, vizinhança, amizade e trabalho.

Figura 2 - Caso 121, São Paulo

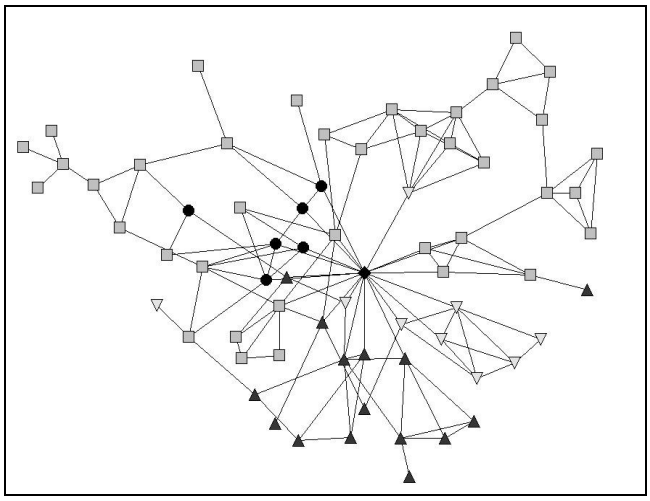


Fonte: Elaboração própria baseada na coleta de dados empíricos. Legenda: Ego em diamante preto, família em círculos pretos, vizinhança em quadrados, trabalho em triângulos para baixo, amizade em triângulos para cima.

c) Sociabilidade primária em redes grandes: 63 casos, 17,4%.

O caso 75, uma jovem de 13 anos que nasceu na Bahia, mas que vive em São Paulo (Vila Nova Esperança) há dois anos, é um exemplo deste tipo de situação em São Paulo. Seus parentes continuam no Nordeste e ela vive com sua irmã mais velha, ajudando-a a tomar conta de seu bebê. Ela estuda no bairro em que vive e possui muitos amigos, vários deles são de uma associação católica, embora ela afirme não pertencer a nenhuma religião. Sua rede pessoal possui 68 nós, 66 vínculos e 4 esferas: família, vizinhança, escola e igreja.

Figura 3 - Caso 75, São Paulo

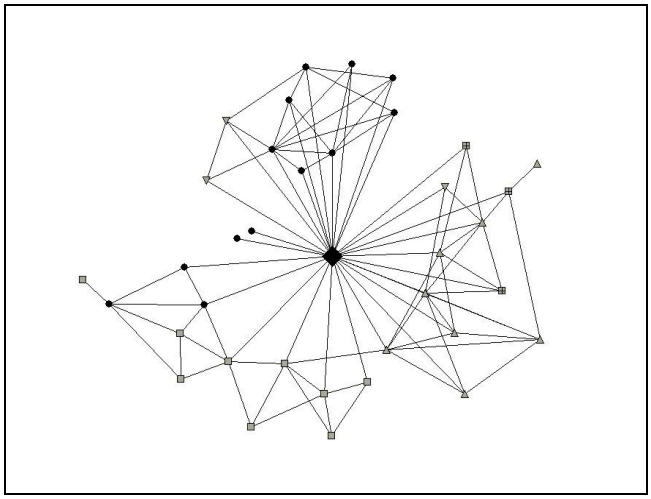


Fonte: Elaboração própria baseada na coleta de dados empíricos. Legenda: Ego em diamante preto, família em círculos pretos, vizinhança em quadrados, trabalho em triângulos para baixo, amizade em triângulos para cima.

d) Sociabilidade organizacional em redes médias: 98 casos, 27,1%.

O caso 52, do centro de São Paulo, é ilustrativo deste tipo de rede. Nativo do Estado da Bahia, ele é um jovem de 19 anos que mora nos cortiços do centro há menos de cinco anos. Ele é empregado com carteira assinada de um estacionamento perto de sua casa e gasta todo seu tempo livre em atividades de lazer fora no seu bairro, em especial jogando futebol. Sua rede possui 34 nós, 39 vínculos e 5 esferas de sociabilidade: família, vizinhança, trabalho, lazer e amizade.

Figura 4 - Caso 52, São Paulo



Fonte: Elaboração própria baseada na coleta de dados empíricos. Legenda: Ego em diamante preto, família em círculos pretos, vizinhança em quadrados, trabalho em triângulos para cima, igreja em triângulos para baixo, lazer em quadrados riscados.

3. À guisa de conclusão

Portanto, os resultados indicam que as redes de indivíduos em situação de pobreza tendem a ser menores, mais locais e menos variadas do que as dos indivíduos de classe média. Em termos médios, tendem a variar pouco entre São Paulo e Salvador, embora o localismo seja mais elevado na capital baiana.

Entretanto, essas mesmas redes variam intensamente no interior dos pobres de cada cidade. A investigação dessa variabilidade indicou nítidos padrões segundo as características das redes e da sociabilidade, consubstanciando situações relacionais específicas. As piores características sociais se encontram associadas a situações relacionais locais e potencialmente mais homofílicas por terem sido construídas em ambientes de elevada presença de homofilia – família, vizinhança e amigos. A presença de elevada homofilia e baixa circulação geográfica, portanto, tendem a reforçar as situações de pobreza e a reproduzir as desigualdades sociais.

Referências bibliográficas

Bearman R., Moody J.E, Stovel K., *Chains of Affection: the Structure of Adolescent Romantic and Sexual Networks*, «American Journal of Sociology», vol.110 (1), 2004, pp.44-91.

Bidart C., Lavenu D., *Evolution of Personal Networks and Life Events*, «Social Networks», 27 (4), 2005, pp.359-376.

Blokland T.E., Savage M., *Social Capital and Networked Urbanism*, Blackwell, London, Brasil, 2008.

Briggs X., *Social Capital and Segregation in the United States*, in Varady D., *Desegregating the City*, Suny Press, Albany, 2005.

Campbell K., Lee B., *Sources of Personal Neighbor Networks: Social Integration, Need, or Time?*, «Social Forces», vol.70 (4), 1992, pp.1077-1100.

Castello G., Marques E., *Pobreza e localismo: Comparações entre São Paulo e Salvador*, Artigo apresentado no XXXV encontro da Anpocs, Caxambu, 2011.

Cem, *Mapa da vulnerabilidade social da população da cidade de São Paulo*, Cem/Cebrap, Sas/Pmsp, São Paulo, 2004.

Esping-Andersen G., *Fundamentos sociales de las economías postindustriales*, Ariel, Barcelona, 2000.

Ferrand A., *Las comunidades locales como estructuras meso*, «Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales», vol.3 (4), set-nov., 2002.

Hedstrom P., Sandell R., Stern C., *Meso-Level Networks and the Diffusion of Social Movements*, «American Journal of Sociology», vol.106 (1), 2000, pp.145-172.

Heinz J., Laumann E., Nelson R., Salisbury R., *Hollow Core: Private Interests in National Policy Making*, Harvard University Press, Cambridge, 1997.

Kadushin C., *Friendship among the French Financial Elite*, «American Sociological Review», 60, 1995, pp.202-221.

Knoke D., Pappi F., Broadbent J., Tsujinaka Y., *Comparing Policy Networks: Labor Politics in the U.S., Germany, and Japan*, Cambridge University Press, Cambridge, 1996.

Lotta G., *Redes sociais na implementação de políticas públicas: o caso dos agentes comunitários de saúde*, Dcp/Usp, tese de doutorado, 2010.

Marques E, Bichir R., *Redes de apoio social no Rio de Janeiro e em São Paulo*, Novos Estudos Cebrap, São Paulo, 90, 2011.

Marques E., *Estado e redes sociais: permeabilidade e coesão nas políticas urbanas no Rio de Janeiro*, Editora Revan, Rio de Janeiro, 2000.

Marques E., *Opportunities and Deprivation in the Global South: Social Networks, Poverty and Segregation in São Paulo*, Ashgate, Londres, 2012.

Marques E., *Redes sociais, instituições e atores políticos no governo da cidade de São Paulo*, Ed. Annablume, São Paulo, 2003.

Marques E., Torres H., *São Paulo: segregação, pobreza urbana e desigualdade social*, Ed. Senac, São Paulo, 2005.

Mische A., *Partisan Publics*, Princeton University Press, Princeton, 2008.

Mizruchi M., Schwartz M., *Intercorporate Relations: the Structural Analysis of Buiness*, Cambridge University Press, Cambridge, 1987.

Pavez T., *Políticas públicas e ampliação de capital social em comunidades segregadas: o programa Santo André Mais Igual*, Fflch, Usp, Departamento de ciência política, Dissertação de mestrado, 2006.

Sako M., Murie A. (org.), *The Spatial Dimensions of Urban Social Exclusion and Integration*, Amsterdam, www.frw.uva.nl/ame/urbex, 2002.

Small M., *Racial Differences in Networks: Do Neighborhood Conditions Matter?*, «Social Science Quarterly», vol.88 (2), 2007.

Small M., *Unanticipated Gains: Origins of Network Inequality in Everyday Life*, Oxford University Press, Oxford, 2009.

Soares R., *Estado, segregação e desigualdade. Um estudo sobre o impacto das políticas de habitação a partir das redes sociais da favela Guinle*, Fflch, Usp, Departamento de ciência política, Dissertação de mestrado, Guarulhos, 2009.

Wasseman S., Faust K., *Social Network Analysis: Methods and Applications*, Cambridge University Press, Cambridge, 1994.

Wilson W., *The Truly Disadvantage: the Inner City, The Underclass and Public Policy*, University Chicago Press, Chicago, 1987.